

Olhos de vidro

Annalu Braga

Olhos de vidro
contos de vingança

G a r a m o n d

Copyright © 2019, Annalu Braga

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Caixa Postal: 40.854
Cep: 20.261-970 - Rio de Janeiro – Brasil
Tel: (21) 2504-9211
editora@garamond.com.br
www.garamond.com.br

Revisão
Alberto Almeida

Diagramação
Editora Garamond

Capa
Estúdio Garamond

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Dedico este livro aos fantasmas dentro das
pessoas para que eles sejam entendidos.

O único perdão é que a vingança
pode ter justificativa.

Sendo assim,

leia,

sinta

e

pare

antes que suba

à cabeça.

Sumário

1. Não há um 707 sequer a pousar no solo superior, 13
2. Conheço o seu sangue, 27
3. Não há caos no mirante, 37
4. A mutação, 47
5. *Sacra famiglia*, 53
6. Olhos de vidro, 59
7. Abismo do Eu, 63
8. Patética gênese, 69
9. Enterre o passado, 73
10. 2054 – O ano que nem começou, 77

1

Não há um 707 sequer a pousar no solo superior

Pelos gritos conhecidos da cela vizinha imaginei que passamos para outro dia, mais pela modulação da voz do infeliz do que pela fresta de luz que passava por um microscópico furo da telha de amianto. Volto à consciência em vão. Permanece a impossibilidade de determinar o quanto o rastro de resistência ainda deslizava sobre o fio da navalha em que nos encontrávamos. Quem éramos nós a esta altura, corpos engessados conectados por urina e fluidos a sangrarem por nossos órgãos sexuais sob o jugo do novo código de tortura? Deixaram-nos apenas fendas para os olhos, ouvidos e boca. Múmias vivas. Se pudesse me apresentaria cordialmente à moça a mim atrelada, Yilze, decidi que seria o seu nome. “Encantado, sou Alberto, codinome O Juiz”, mas eu teria que manter o que julgava imperioso

nos momentos que se seguiram à nossa prisão em fins de dezembro de 1964.

Eu não apostaria que ela fosse uma companheira devido à extrema complacência que a perseguia desde que fomos obrigados a fazer aquilo na frente dos agentes. Depois do coito fomos imobilizados com ataduras de gesso, não restando um sopro de ar entre nossos corpos.

Nossa comunicação tem sido cruel e pelas entranhas. Ela ainda vive, percebi seu espasmo de tremor voltar com ardência agonizante. Senti-a respirando o ar que dividíamos e ainda mantinha certo perfume de mulher apesar da poça de sangue e urina que se fazia em baixo de nossos corpos empilhados. O último da ronda havia me virado para baixo, pois ela, a garantia de uma confissão, estava sufocando. Corpos praticamente emparedados os nossos. Não imaginava quanto mais ela aguentaria, mas não esperava que os imbecis falassem por ela. Só nos restava apodrecer, percebo agora, começando por baixo.

Dela conhecia um nome e as batidas do coração que pulsavam através de suas contrações e espasmos profundos. Chorava por dentro a criança-mulher. Pense um pouco, Juiz: o que ela fazia no nosso aparelho naquele momento exato? Enquanto alguns camaradas fugiam, embrenhando-se nas vilas salvadoras, eu, que não me sentia no direito de abandonar o posto de comando, agarrei-me a ela como se fosse minha